

# Cardoso diz que espera concluir seu governo com menor concentração de renda

por Maria Helena Tachinardi  
de Brasília

O presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), disse ontem a um auditório com perto de 300 empresários brasileiros que atuam na Argentina e formam o Grupo Brasil, que pretende tornar o Estado "mais competente e mais razoavelmente financiado", desburocratizado e menos voraz na ocupação de espaços, na produção e no trabalho. Prometeu controlar os gastos públicos e fazer a privatização dentro de critérios de "transparência e decência". Respondendo a uma questão em tom provocativo, sobre se privatizaria a Receita Federal, caso não consiga desburocratizá-la e torná-la mais ágil, Cardoso comentou que pretende modernizá-la e moralizá-la e pediu a ajuda dos empresários para que informem o governo sobre suas dificuldades.

Reiterou que insistirá na revisão constitucional e disse que quatro anos é um tempo mínimo para mudar o rumo da economia, mas espera concluir o seu governo com uma menor concentração de renda.

Cardoso pretende enfrentar o problema da pobreza com a economia crescendo a taxas acima de 7% ao ano, já a partir de 1995. Insistiu na necessidade de modernização do parque industrial brasileiro e num aumento das importações superior ao das exportações.

O presidente eleito anunciou que o Chile está muito interessado no processo de privatizações no Brasil e que soube da intenção do governo do presidente Eduardo Frei de patrocinar uma missão empresarial ao Brasil com a finalidade de sondar as perspectivas de negócios.

"O Mercosul é algo que marca e veio para ficar", afirmou, acrescentando que o Chile "é um parceiro permanente" que não pode ser excluído. Lembrou a proposta brasileira de formação de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana (Alcsa), hoje endossada pelo Mercosul, e disse que uma futura negociação com o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) terá de ser feita entre os sócios do Mercosul e aquele grupo de países (Canadá, EUA e México) ou entre os quatro, o Chile e o Nafta. Sobre um eventual acordo entre o Mercosul e a União Européia (UE) comentou que está em fase de negociação, mas fazendo coro com o ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, lembrou que antes é preciso discutir a questão agrícola. A UE não está interessada em incluir os produtos agrícolas numa zona de livre comércio com o Mercosul.

Diretores do grupo Sadia que estavam presentes no café da manhã com Fernando Henrique Cardoso, salientaram que na UE "há um extremo protecionismo. As exportações de frango da Comunidade Européia, por exemplo, são subsidiadas em até 70%".

O diretor de comércio exterior da Federação das In-

---

dústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e presidente do grupo Sadia, Luis Fernando Furlan, lembrou que a FIESP já promoveu dois encontros para avaliar uma eventual formação de uma zona de livre comércio entre a UE e o Mercosul. Ele enfatiza que é necessária a redução de barreiras e que os empresários brasileiros estão aguardando a implementação das regras da Rodada Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), ainda não aprovadas pelos Congressos do Brasil e dos EUA. Na Rodada Uruguai ficou acertada uma redução gradual dos subsídios agrícolas europeus e norte-americanos.

Cardoso disse aos empresários, ansiosos pela queda nas barreiras que atrapalham o comércio entre o Brasil e a Argentina, que as negociações devem ser feitas por etapas e que o Mercosul avançou a uma velocidade mais rápida do que a União Européia. "O processo de integração é delicado e supõe limitação de soberania" afirmou. Mesmo assim, reconheceu que é preciso acabar com os gargalos que atravancam o comércio exterior entre o Brasil e a Argentina. O empresário Madruga Duarte, da Rede Brasil Sul e dirigente do grupo Brasil, parafraseando o embaixador brasileiro na Argentina, Marcos Azambuja, diz que é preciso quebrar os muros e transformá-los em pontes. Só existe uma ponte ligando Uruguaiana e Paso de Los Libres.